

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA DE ARISTÓTELES: O HOMEM NA PÓLIS E NAS RELAÇÕES INDIVIDUAIS

HENRIQUE G. MURACHCO

Esta é a primeira abordagem que vamos fazer da Ética de Aristóteles fora das salas de aula da FFLCH da USP, em que, aos poucos, Aristóteles começa a ser introduzido nos programas do Curso de Letras, rompendo uma tradição de estudar-se só a POÉTICA e a RETÓRICA, por serem mais “literárias”. Não entendemos assim. Entendemos que em um curso de LÍNGUA GREGA, qualquer texto grego pode e deve ser estudado.<sup>1</sup>

É assim que começaremos abordando o tema que nos foi proposto, a partir de uma tentativa de definição de Ética, que, ao que parece, não tem um entendimento uniforme nem claro atualmente. Cremos que a imprecisão de seu significado se deve à tradição da tradução latina de que somos herdeiros. O título das duas obras mais conhecidas de Aristóteles: *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo* transforma um adjetivo substantivado, no neutro plural: τὰ ἠθικά ou simplesmente ἠθικά “(as) coisas concernentes ao ἦθος”; a terceira obra sobre o mesmo assunto é conhecida sob o título latino de “Magna Moralia”, em que vemos a presença da palavra latina “mos, moris, mor-” – “costume, norma, hábito” traduzindo tanto a palavra grega ἦθος quanto ἔθος.

Começemos por definir o significado dos dois termos, e nada melhor para isso do que uma consulta ao dicionário Latino-Grego, de tradição

---

Henrique G. Murachco é Professor de Língua Grega na Universidade de São Paulo.

escolástica, de onde derivam as definições dos dicionários mais comuns que temos à nossa disposição: Bailly, Liddell & Scott e Magnien-Lacroix.

- ἦθος – *mansio, domicilium, lustra ferarum, consuetudo, mos*  
 ἠθικός – *ethicus, moralis, mores hominis apte delineans*  
 Não há outros derivados
- ἔθος – *ritus, mos*  
 uso, costume, hábito, rito
- ἐθίζω – *assuefacio, assuefio, soleo*  
 eu (me) acostumo, costume, tenho o hábito de
- ἐθικός – *ad consuetudinem pertinens*  
 referente ao costume
- ἔθιμος – *consuetus, assuetus*  
 habituado, acostumado, habitual, costumeiro
- ἔθισμα – *assuefacio, consuetudo, institutum*  
 hábito, costume, regra, norma
- ἐθιστέος – *assuefaciendus*  
 que deve ser acostumado, que deve adquirir tal ou tal hábito
- ἐθιστός – *quí consuetudinem assummi potest*  
 que pode, tem a possibilidade de adquirir tal ou tal hábito;

mais alguns derivados de um verbo \*ἔθω com sentido intransitivo:

- ἐθήμων – *consuetus*  
 habituado, habitual
- ἐθημοσύνη – *mos*  
 costume, hábito
- ἔθων – *solitus*  
 acostumado, habituado, habitual, costumeiro

Como primeira conclusão, poderíamos dizer que:

- ἦθος está ἐντος – NO INTERIOR, NA NATUREZA, e atua de dentro para fora, e
- ἔθος está ἐκτός – NO EXTERIOR, EXTERNO, e pode atuar de fora para dentro.

Em latim e em português não há resíduos de derivados de ἔθος, mas temos um adjetivo derivado de ἦθος - ἠθικός, *ethicus*, ético, que,

freqüentemente, é confundido com “moral” no sentido de “conforme os *bons* costumes, isto é, conforme à moral oficial. No mundo latino, essa “moral oficial” assume uma feição autoritária, vertical, que podemos sentir na famosa exclamação de Cícero na I Catilinária: “*Ob tempora! ob mores!*”, em que está implícita a censura aos “mores” costumes atuais.<sup>2</sup> Essa visão da “moral oficial”, seguindo a trilha do Direito e das Instituições Romanas, adentra pelo Império Romano até sua queda e depois é assumida pela Igreja e perdura até nossos dias, com o sentido de “norma de conduta”, ou uma “boa ou má moral > moralidade”, que passa a ser uma série de princípios que regem uma sociedade.

Não é esse o sentido do ἦθος aristotélico; não é esse o sentido do ἦθος homérico e arcaico que Aristóteles conhece e amplia. Para termos uma idéia melhor, façamos uma rápida incursão pelo mundo grego arcaico, de Homero aos pré-socráticos:

ἦθος é MORADA, HABITAT, TOCA DE ANIMAIS:

em Homero: Z, 5II, O, 268: ῥίμψα ἐγοῦνα φέρει μετὰ τ' ἦθεα καὶ νομὸν ἵππων (... o cavalo que sai do estábulo) velozes, os joelhos o levam para o seu *habitat* e pasto dos cavalos (*loca consueta et pascua*). E em ξ – 411: τὰς μὲν ἄρα ἔρξαν συεσ ἦθεα κοιμηθῆναι (... e eles levaram os porcos ao *estábulo* para dormir (*in stabula ad cubandum*)).

Em Hesíodo nos “Os Trabalhos e Dias”, 166: τοῖς δὲ διχ' ἀνθρώπων βίον καὶ ἦθε' ὀπάσας. Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατὴρ ἐς πέρατα γαίης ... (e, separado dos homens tendo-lhes dado sustento e *moradas*<sup>3</sup>. Zeus Kronida, pai, os faz habitar nos confins da terra); na mesma obra, 525: ὅτε ἄοστεος ὄν πόδα τένδει ἐν τ' ἀπύρῳ οἴκῳ καὶ ἦθεσι λευγαλέοισιν (sob o vento boreal... o sem osso [polvo] rói seu próprio pé em sua casa sem fogo e seu deplorável *domicílio*); na Θεογονία, 65-67: ... ἐρατὴν δὲ διὰ στόμα ὄσσαν ἰεῖσαι / μέλπονται πάντων τε νόμους καὶ ἦθεα κεδνά / ἀθανάτων κλείουσιν... (... junto às Musas as Graças e Desejo pela boca amável voz lançando cantam os costumes de todos e gloriam os nobres *caracteres* dos imortais<sup>4</sup>).

Traduzimos ἦθεα κεδνά por nobres caracteres” e não “hábitos nobres”, inspirando-nos na tradução latina “ingenium”, engenho, o que se gera dentro, e daí *natureza, caráter*. Assim também cremos que devemos traduzir os fragmentos que se seguem.<sup>5</sup>

Em Empédocles, I, 317, 9: παρὰ δ' ἦθος ἐκάστω (e junto de cada um um *caráter* (ingenium)). Ou em I, 352, 24: ... αὐτὰ γὰρ αὐξοῦσι ταῦτα εἰς ἦθος ἐκάστον ὅπη φύσις ἐστὶν ἐκάστω (... elas fazem crescer essas coisas em cada *caráter* onde está a natureza para cada um.).

Neste caso, φύσις seria a constituição física, e ἦθος a constituição moral, como em Crítias, B, 6, 14: δμῶες δ' ἀκόλαστον ἔχουσιν (ἦθος) (os domésticos tem um caráter (natureza, ingenium) indisciplinado.).

Ou ainda em Heráclito, Fr. 78: ἦθος ἀνθρώπειον μὲν οὐκ ἔχει γνώμας θεῖον δ' ἔχει (o caráter – natureza, ingenium – humano não tem opiniões, o divino tem).<sup>6</sup>

E no Fr. 119: ἦθος ἀνθρώπου / ἀνθρώπων δαίμων (o caráter do homem / para o homem é o nume).<sup>7</sup>

A propósito desses dois fragmentos de Heráclito, é muito ilustrativo o comentário de Alexandre de Afrodísia no DE FATO, 56: “... κατὰ δὲ τὸν αὐτὸν τρόπον καὶ ἐπὶ ψυχῆς εὐροὶ τις ἂν παρὰ τὴν φυσικὴν κστασκευὴν διαφόρους γιγνομένας ἐκάστῳ τὰς τε προαιρέσεις καὶ τὰς πράξεις καὶ τοὺς βίους· “ἦθος γὰρ τῷ ἀνθρώπῳ δαίμων” κατὰ τὰν Ἡεράκλειτον τουτ' ἔστι φύσις.” (“... segundo esse mesmo modo, também sobre a alma poder-se-iam encontrar segundo a constituição física, ficando distintas para cada um as preferências, os atos e as vidas, pois “o caráter – ingenium – é nume para o homem, segundo Heráclito, isto é a natureza”).

Ora, Aristóteles começa a Ética a Nicômaco dizendo que o objeto de um ato ético é o bem: “Toda arte e toda investigação e todo ato e todo propósito parece ter em mira o bem; por isso definem o bem aquilo a que todos aspiram. Porém há uma certa diferença dos fins: pois uns são energias e outros, ao lado delas são certos atos. Dentre os que têm fins ao lado das ações, nesses naturalmente os atos são melhores do que as energias.

É interessante notar que o início da Ética a Nicômaco é muito semelhante ao da sua Politéia, e não por acaso: o motivo de toda ação do homem é o bem e toda comunidade se constitui visando a um bem qualquer. Poderíamos dizer, então, que o que marca o comportamento do homem individualmente e coletivamente é o seu ἦθος, isto é, o seu caráter, sua natureza, seu ingenium. Portanto, na medida em que toda ação visa a um bem, o mal ou o vício são um desvio, e necessariamente uma negação da intenção da ação inicial, primordial, e portanto, um segundo tempo.

É uma visão idealista e otimista da natureza do homem, o que é uma constante em toda a obra aristotélica. Só é ação, só é energia positiva o que é virtude, qualidade; os vícios e os defeitos são “ἐναρτία τούτων” o que é *contrário a essas coisas*.

As virtudes são partes da alma, como o ἦθος é próprio da alma (EE 1220 b5), o que é próprio do ser racional. Diz Aristóteles: “Portanto, as virtudes não nascem nem por natureza nem contra a natureza, mas cabe-nos

de nascença recebê-las e aperfeiçoá-las pelos hábitos. Além disso, de quantas coisas nos advêm pela natureza, nós trazemos junto, anteriormente, as potências e a seguir produzimos as energias...” (EN II, 3, 4).

Portanto, o homem nasce com as potencialidades todas positivas e é ele quem deve desenvolvê-las na forma de virtudes. E as virtudes se manifestam positivamente tanto nas ações do homem individual quanto no homem “político”.

Há um paralelo entre a visão do homem individual realizando-se em suas relações individuais, nos chamados “livros éticos”: *Ética a Nicômaco*, *Ética a Eudemo* e *Magna Moralia*, (*Grande Ética*), e lá a visão do homem da *pólis* em suas relações em grupo, na *Politéia*,<sup>8</sup> para ficarmos só nesses, porque essa visão do homem e de seu ἦθος está em toda a obra de Aristóteles. Vejamos agora a *Politéia*. No Livro I, (1252 al), Aristóteles define a *pólis* da mesma maneira positiva e otimista como no livro I da EE:

“Toda *pólis* é, de alguma maneira, uma comunidade. E como toda comunidade é constituída em vista de um bem – os homens se empenham sempre pelo que lhes parece bom – é evidente que todos tendem a um bem; mas a principal e a maior de todas, a mais poderosa que abranje as outras é chamada *pólis* ou comunidade política (urbana).”<sup>9</sup>

Deixemos Aristóteles falar, porque ninguém, em momento algum, foi mais coerente, mais lógico do que ele. Para ele, a *pólis* é um conjunto de indivíduos naturalmente com potencialidades positivas, que agem visando ao bem comum, mesmo em seu estado primitivo, vivendo em clãs ou dispersos. Como diz Platão, em Protágoras, (321 cd)<sup>10</sup>, uma citação longa mas que merece ser transcrita:

“Providos desse modo, a princípio viviam os homens dispersos; não havia cidades; por isso, eram dizimados pelos animais selvagens, dada a sua inferioridade em relação a estes; as artes mecânicas chegavam para assegurar-lhes os meios de subsistência, porém eram inoperantes na luta contra os animais, visto carecerem eles, ainda, da arte política, da qual faz parte a arte militar. À vista disso, experimentaram reunir-se, fundando cidades, para poderem sobreviver. Mas, quando se juntavam, justamente por carecerem da arte política, causavam-se danos recíprocos, com o que voltavam a dispersar-se e a serem destruídos como antes.”

Na sequência, Platão explica que Zeus, preocupado com o futuro da geração mandou que Hermes levasse aos homens o pudor e a justiça como princípio ordenador das cidades e laço de aproximação entre os

homens. Hermes, então, perguntou a Zeus de que modo deveria dar aos homens pudor e justiça e diz a eles:

“... – Distribuí-los-ei como foram distribuídas as artes? Estas foram distribuídas da seguinte maneira: um só homem com o conhecimento da medicina basta para muitos que a ignoram, verificando-se a mesma coisa com todas as outras artes. Devo proceder desse modo com o pudor e a justiça, ou reparti-los entre todos os homens igualmente?”

– Entre todos, disse-lhe Zeus, para que todos participem deles, pois as cidades não poderiam subsistir, se o pudor e a justiça forem privilégio de poucos, como se dá com as demais artes. E mais: estabelece em meu nome a seguinte lei: que todo homem incapaz de pudor e justiça sofrerá a pena capital, por ser considerado flagelo da sociedade.”

Aristóteles tinha na memória esse diálogo de Platão quando escreveu a *Politéia*. Não são meras coincidências as posições que ele assume ao definir a *pólis* no Livro I, (1252 a):

“A comunidade constituída por natureza para satisfazer as necessidades cotidianas do homem é a família, cujos membros Carondas denomina “sócios da panela” e Epimênides de Creta, “companheiros de mesa”, ou comensais. A reunião de várias famílias é uma aldeia, que é uma colônia de famílias, constituídas pelos filhos e pelos filhos dos filhos, amamentados com o mesmo leite e governados pelo mais velho, do mesmo sangue.”

Diz ainda que a comunidade perfeita de várias aldeias<sup>11</sup> é a *pólis* que tem o mais alto grau de *autárqueia* (autosuficiência), isto é, uma perfeita liberdade e autonomia em relação ao necessário para uma vida feliz (eudaimonia). Na *Ética a Nicômaco* (1097 b); afirma que a *autárqueia* é o que por si só faz a vida digna de ser vivida e livre de toda necessidade, e se forma para viver e para viver bem. Desse modo toda *pólis* é uma associação natural, já que são naturais as sociedades que lhe deram origem.

Do que foi dito se deduz, com evidência, que a *pólis* existe por natureza e que, *por natureza, o homem é um animal da pólis*. E aquele que, *por natureza* ou *por acidente* carece da *pólis*, é ou um *tonto* ou um *ser superior*, ou um indivíduo como aquele que Homero condena na *Ilíada* (63): “sem família, sem lei, sem lar”, e que, *por natureza*, não ama a não ser a guerra ou uma peça indefesa no tabuleiro.

Mas a natureza não faz nada sem algum propósito, e o homem é o único dos animais dotado da palavra.<sup>12</sup> O mero som é indicação de prazer ou dor, que pertence também aos outros animais, diz o filósofo, mas a

linguagem serve para exprimir aquilo que é *conveniente ou nocivo, justo ou injusto*, e é característico do homem diante dos outros animais que só *ele tenha a percepção do bem e do mal, do justo e do injusto e outros valores*; pois bem, a comunhão dessas coisas formam *casa e pólis*.

E Aristóteles insiste sobre aquele que sendo incapaz de viver em sociedade ou que não necessita de nada porque é autárquico, esse ou é um animal (selvagem), uma besta, ou é uma divindade, mas *não faz parte da pólis*.

Poderíamos alongar-nos, nas citações repetidamente, porque Aristóteles é também repetitivo, como um bom professor que foi, mas o que dissemos é suficiente para os nossos propósitos. A sociedade moderna precisa reler Aristóteles, sobretudo os seus escritos sobre a “filosofia da convivência humana”, que são seus tratados sobre a *Ética (Ética a Nicômaco, Ética a Eudemo e a Grande Ética)* e sobre a *Política (Politéia, A República (Politéia) dos Atenienses, e a Retórica*.

## NOTAS

1. É assim que nos comportamos nos nossos Cursos Extracurriculares, na “Oficina de Tradução”, em que, por opção dos alunos, já traduzimos por inteiro *Protágoras* e *Crítón* de Platão, o I Canto da *Iliada*, o IX Canto da *Odisséia* de Homero, *As Categorias* de Aristóteles, o *Rei Édipo* de Sófocles, as *Píticas* de Píndaro, o *Elogio de Helena* de Górgias, e agora estamos traduzindo a *Teogonia* de Hesíodo, os *Fragmentos* de Heráclito e as *Histórias*, *Livro I* de Heródoto.

2. Cícero, aliás, teria sido o primeiro a traduzir ἠθικός por *moralis* “...quia pertinet ad mores quod ethos illi uocant; nos eam partem philosophiae de moribus appelare solemus... “... porque refere-se aos costumes o que eles (os gregos) chamam ethos; nós costumamos chamar a parte da filosofia sobre os costumes...”

3. Nas citações de *Os Trabalhos e os Dias* servimo-nos da tradução de Mary de C,N, Láfer, Iluminuras, São Paulo, 1990.

4. Nas citações da *Teogonia* servimo-nos da tradução de Jaa Torrano, Iluminuras, São Paulo, 1995

5. As citações são extraídas de Diels-Rranz.

6. (Trad. de E. Carneiro Leão: A *morada* dos homens não tem controle, a divina tem, ou a tradução latina: humanum enim *ongeniam* non habet prudentiam, divinum vero habet),

7. (Trad. de E. Carneiro Leão: A *morada* do homem, o extraordinário, ou a tradução latina: (Heraclitus diseit)... *ingeniam* homini(s) numen esse).

8. A palavra πολιτεία tem sido maltratada em suas traduções, desde a antiguidade. Cícero a traduziu por “res publica”, isto é: “coisa pública”, e na sua *Res Publica* ele trata à maneira platônica (é um diálogo) e aristotélica das relações do cidadão com a cidade, ou estado. Na verdade πολιτεία é formada sobre o tema πολίτη – cidadão, e o sufixo -ια > -ια que exprime a qualidade ou a noção de ... Portanto, πολιτεία significa “a qualidade do cidadão, a cidadania” e tudo que implica nas relações do indivíduo com a *pólis*, que são atos participativos. Vamos manter a palavra *Politéia* neste trabalho.

9. É preciso atentar para o fato de que a palavra “política, político” se banalizou, foi desvirtuada, assumindo significados conotativos. Para Aristóteles πολιτικός mantém o significado denotativo: da *pólis*, portanto *urbano, cidadão, comunitário*.

10. Servimo-nos nesta passagem da tradução de Carlos Alberto Nunes, em *Platão Diálogos*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1970

11. Plutarco, nas *Vidas Paralelas*, em *Teseu*, diz que Teseu, ao assumir o governo de Atenas, depois da morte do pai Egeu, convidou os habitantes das aldeias vizinhas para um συνοικισμός isto é, para uma “cohabitação”, de onde se originariam os δῆμοι que explicariam o plural do nome da cidade Ἀθῆναι.

12. A palavra λόγος normalmente traduzida por *razão, palavra, discurso*, é, na verdade a *capacidade de verbalizar o pensamento*.